

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 15 - Abr./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



VINICIUS FONSECA RIBEIRO

A Educação arrebenta com os grilhões da opressão.



Filada 3:
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



POIESIS

Carlos Eugênio Rêgo
Edivan Costa Gomes
Elisabete da Silva Sales
Ivete Irene dos Santos
Jhennifer Lopes
J. Wilton
Milena Tomaz Silva
Patrícia Diniz

DESTAQUES

EDUCAÇÃO 4.0 E AS INFLUÊNCIAS DA TECNOLOGIA NA INFÂNCIA
Luciana Lima dos Santos

A LEITURA NA ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA
Aline Pereira Matias

MULTIMODALIDADE NO CADERNO TRILHAS DE APRENDIZAGENS DE LÍNGUA
PORTUGUESA PARA O NONO ANO
Alexandre Passos Bitencourt



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br



Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 15 Abril de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Manuel Francisco Neto (Angola)

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomaz Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Organização:

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Alexandre Passos Bitencourt

Aline Pereira Matias

Edna dos Reis Ricardo

Fellipe William Marques Martins

Flávia Maria Cordeiro Bezerra Consentino

Isac dos Santos Pereira

Izilda Marques Bastos Trindade

José Wilton dos Santos

Luciana Lima dos Santos

Marinalda Bezerra da Silva

Renata de Andrade Mendes

Rosemary Nunes Gomes

Vera Lucia Brasilino



São Paulo

2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Isac dos Santos Pereira
Ivete Irene dos Santos
Manuel Francisco Neto (Angola)
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
<https://primeiraevolucao.com.br>
São Paulo-SP - Brasil

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

Filiada à:



Publicada por:

Edições **Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 15 (abr. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

116 p. : il. color
Bibliografia
Mensal
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.15.2021>

www.primeiraevolucao.com.br



07 HOMENAGEM Vinícius Fonseca Ribeiro

COLUNAS

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Pereira dos Santos

12 A CAMINHO DA ESCOLA

Ivete Irene dos Santos

114 POIESIS

Carlos Eugênio Rêgo, Edivan Costa Gomes, Elisabete da Silva Sales, Ivete Irene dos Santos, Jhennifer Lopes, J. Wilton, Milena Tomaz Silva, Patricia Diniz

ARTIGOS

* Destaque

- | | |
|---|-----|
| ★ 1. MULTIMODALIDADE NO CADERNO TRILHAS DE APRENDIZAGENS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O NONO ANO
Alexandre Passos Bitencourt | 15 |
| ★ 2. A LEITURA NA ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA
Aline Pereira Matias | 25 |
| 3. O PROFESSOR E SEU PAPEL DURANTE A ALFABETIZAÇÃO
Edna dos Reis Ricardo | 31 |
| 4. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ALFABETIZAÇÃO
Fellipe William Marques Martins | 37 |
| 5. EMOÇÕES, AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS NA INTERVENÇÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA CLÍNICA
Flávia Maria Cordeiro Bezerra Consentino | 43 |
| 6. SINFONIA VISUAL NO FILME 'A FESTA E OS CÃES' DE LEONARDO MOURAMATEUS; UM ENSAIO SOBRE A MÍDIA AUDIOVISUAL E SUA LEITURA ARTÍSTICA NA ESCOLA
Isac dos Santos Pereira | 51 |
| 7. REFLEXÕES A PARTIR DA NEUROCIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
Izilda Marques Bastos Trindade | 57 |
| 8. EXPLORANDO ALGUMAS APLICAÇÕES DE ÁLGEBRA LINEAR
José Wilton dos Santos | 69 |
| ★ 9. EDUCAÇÃO 4.0 E AS INFLUÊNCIAS DA TECNOLOGIA NA INFÂNCIA
Luciana Lima dos Santos | 77 |
| 10. COMO LIDAR COM O AUTISMO E AS CRIANÇAS QUE APRESENTAM ESSE TRANSTORNO NAS SÉRIES INICIAIS
Marinalda Bezerra da Silva | 83 |
| 11. EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA
Renata de Andrade Mendes | 89 |
| 12. NEUROAPRENDIZAGENS: CONTRIBUIÇÕES PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
Rosemary Nunes Gomes | 99 |
| 13. TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA
Vera Lucia Brasilino | 105 |

COMO LIDAR COM O AUTISMO E AS CRIANÇAS QUE APRESENTAM ESSE TRANSTORNO NAS SÉRIES INICIAIS

MARINALDA BEZERRA DA SILVA

RESUMO: O estudante autista, em especial aquele que frequenta as séries iniciais do Ensino Fundamental, deve ser compreendido e respeitado como um ser em desenvolvimento, que necessita da mediação de recursos planejados a partir de diferentes metodologias e atividades lúdicas, respeitando ainda seu tempo de aprendizagem. A proposta é discutir sobre como lidar com o autismo e comportamento dos estudantes que frequentam esta etapa escolar. Desta forma, se trata de natureza teórica-empírica, baseado em pesquisas qualitativas a respeito do tema em questão. Pretendeu-se ainda, investigar o assunto a partir de pesquisas, teses, dissertações, artigos científicos, discussões transdisciplinares, entre outros materiais, tendo como objetivo principal compreender como ocorre o desenvolvimento educacional do estudante autista, o seu comportamento e os desafios enfrentados no trabalho docente. O presente artigo tem por objetivo discutir como lidar com o autismo e o comportamento dos estudantes que possuem esse distúrbio nas séries iniciais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação Especial. Inclusão. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, quando a sociedade começou a perceber sinais de indivíduos com autismo, os médicos começaram a pesquisar sobre o assunto a fim de conhecer melhor a enfermidade, suas causas e possíveis tratamentos. Esse problema ocorria na maioria das vezes em famílias que apresentavam problemas afetivos e, por isso, durante muito tempo os especialistas acreditavam que o problema tinha relação com distúrbios psicológicos, já que não encontravam até então fatores biológicos correlacionados. (ORRÚ, 2012)

O Transtorno do Espectro Autismo - TEA é considerado um distúrbio caracterizado por dificuldades de conversação e socialização possíveis de serem percebidos desde a infância. Os indivíduos que possuem essa síndrome geralmente apresentam problemas de socialização, comportamento, entre outros fatores associados, influenciando inclusive a aprendizagem. Ainda, pode ocorrer em diferentes níveis de severidade podendo vir associado a outros tipos de transtorno resultando em desafios tanto para os familiares, quanto para os profissionais clínicos e os professores.

Kenner, foi o primeiro médico a pesquisar a fundo sobre o autismo. Isso porque durante as consultas com alguns de seus pacientes, ele notou características diferenciadas que não se enquadravam em nenhuma das doenças ou distúrbios conhecidos até então. Por isso, ele desenvolveu um estudo no ano de 1938, com onze crianças que apresentavam transtorno semelhante, sendo oito meninos e três meninas (KANNER, 1943, s/p.).

O autismo foi também objeto de hipóteses para psicanalistas, biólogos e geneticistas, permanecendo como um verdadeiro enigma em relação a origem e evolução. No início era difícil

avaliar se as manifestações eram ativas ou voluntárias, se existiam também deficiências biogenéticas associadas, causando um verdadeiro desarranjo na vida desses indivíduos (AMY, 2001, s/p.).

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Logo que se iniciou as pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi observado a grande incidência em famílias, que de certa forma apresentavam algum tipo de problema afetivo. Desta forma, durante muito tempo os especialistas acreditavam que esse tipo de problema tivesse associação psicológica, já que até aquele momento não encontravam justificativa para a associação com possíveis fatores biológicos:

O autismo era objeto de hipóteses mecanizadas por biólogos, geneticistas e psicanalistas. Então, permanece um mistério a sua verdadeira origem e sua evolução. Sendo assim, e sem dúvidas difícil determinar se a manifestação é ativa ou voluntária dessas crianças, se tem posição com deficiências biogenéticas cujas origens ainda são ignoradas de modo que se articulam, entre si criando desordem e anarquia no universo dessas crianças (AMY, 2001, p. 19).

Com o desenvolvimento da Medicina, vários foram os conceitos aplicados ao assunto, fazendo uso inclusive de termos relacionados a psicose e a esquizofrenia, utilizados por Kanner e Asperger, além do Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) pela Psicologia e do Transtorno global de desenvolvimento (TGD) pela Psiquiatria. Nos dias atuais, a Neurociência classifica o autismo como uma patologia neurológica a partir do termo Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nela se inclui este problema propriamente dito, a Síndrome de Asperger e a Síndrome de Rett (CONSENZA e GUERRA, 2011).

Kohane *et al.* (2012), explica que após décadas, o Transtorno do Espectro Autista foi descrito como um desarranjo associado a dificuldades de socialização e cognição possíveis de serem percebidos desde a infância. Assim, a síndrome apresenta diferenças na questão comportamental, realçando a presença desse transtorno.

Outras características que se apresentam também são importantes para identificar o problema tais como: o desejo de permanecer sozinha; não apresentar interesse no que acontece ao seu redor; não demonstrar afetividade com outras pessoas; apresentar dificuldades na fala; não gostar de mudanças na rotina; se apegar a certos objetos; evitar contato visual; e em casos mais graves, apresentar crises de agressividade.

O estudo sobre as possíveis causas do autismo, permitiu o avanço da Medicina e que novas possibilidades fossem encontradas, trazendo considerações sobre as interações da criança com outras pessoas, meio ambiente e objetos. Hoje, o TEA é descrito como uma síndrome do comportamento que resulta em baixo desenvolvimento motor, cognitivo e psicológico que afeta a fala, a socialização, o comportamento e conseqüentemente as interações sociais.

Assim, a síndrome pode ser classificada como: “uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento [...], é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais [...] e é de origem biológica” (ORRÚ, 2012, p. 21).

A Classificação Internacional de Doenças, incluiu essa síndrome na classificação CID – 10, considerando-a como um Transtorno Global do Desenvolvimento que envolve um desenvolvimento anormal ou alterado, possível de ser percebido logo após o nascimento; demonstrando perturbação característica através das interações sociais, da comunicação e de comportamentos repetitivos, além de uma série de manifestações como fobias, perturbações do sono, crises e agressividade (CID 10, 1997, p. 367).

AUTISMO E O TRABALHO NAS SÉRIES INICIAIS

A inclusão dos estudantes autistas deve compreender a participação dos mesmos oportunizando a sua aprendizagem. Nesse caso, a escola deve desenvolver um compromisso com essas questões, utilizando materiais e metodologias de ensino diferenciadas que possam trazer significado a uma aprendizagem individualizada, levando também em consideração as especificidades de cada um nesse processo.

Orrú (2012) traz que os estudantes autistas apresentam em geral certa inaptidão para estabelecer relações, atraso e alterações no uso da linguagem, além de repetir atividades padronizadas limitadas.

Para esses estudantes a aprendizagem não ocorre da mesma forma que os demais, pois, para elas existe uma relação desigual entre o significado das coisas e o funcionamento cerebral. As informações recebidas não são transformadas completamente em conhecimento, assim, o professor deve conseguir captar essas diferenças e desenvolver metodologias ativas para que esses estudantes não fiquem em sala de aula apenas para se socializarem.

Tardif (2000) explica que o ensino para os estudantes autistas, apresenta um padrão disseminado por diferentes organizações de pesquisa, como é o caso do Council for Exceptional Children (CEC, 2009), que apresenta instruções sobre as competências e habilidades que deverão ser desenvolvidas pelos profissionais da educação, descritas em um manual de orientação que envolve a Educação Especial.

Ou seja:

Para além da relação professor aluno, as estratégias inclusivas devem acionar a comunidade escolar e os familiares dos estudantes. “É importante garantir momentos para que todos discutam a questão e possam pensar de forma conjunta ações concretas para que a inclusão aconteça”, recomenda o educador (BASÍLIO e MOREIRA, 2014 p. s/n).

Por isso, é necessário que o professor desenvolva uma metodologia pautada nos saberes teóricos, práticos e científicos, facilitando a vida desses estudantes. Deve ficar claro também que o seu aprendizado não ocorre da mesma forma que os estudantes que são considerados “normais”, já que existe uma relação diferente entre os processos cognitivos e o funcionamento cerebral. As informações recebidas do meio ambiente não são transformadas totalmente em conhecimento e por isso o professor deve ficar atento, pois esses estudantes precisam ter seus direitos educacionais garantidos.

Ainda, de acordo com Basílio e Moreira (2014), durante o Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, as habilidades desse estudante devem ser levadas em consideração a partir do momento que se começa o fazer pedagógico: “No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. É nelas que se deve investir para, assim, desenvolver as inabilidades (...). Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde” (BASÍLIO e MOREIRA, 2014 p. s/n).

É preciso considerar ainda, que muitos estudantes que já se encontram no Ensino Fundamental ainda não tiveram diagnóstico, ou apresentaram diagnóstico tardiamente:

Por isso, mais do que a aprendizagem em si, é preciso se ater à qualidade de ensino oferecida. “É necessário um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proponha atividades diversificadas para todos e considere o conhecimento que cada aluno traz para a escola”, sugere Maria Teresa. A educadora aponta que é fundamental se afastar de modelos de avaliação escolar “que se baseiam em respostas pré-definidas ou que vinculam o saber às boas notas”, critica (BASÍLIO e MOREIRA, 2014 p. s/n).

Desta forma, é muito importante nessa etapa escolar, considerar que diferentes estratégias são de suma importância para a inclusão no ambiente escolar:

Criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo, que permeiam o processo de aprendizagem, e utilizá-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tencionem permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 330).

Ainda, é preciso considerar as habilidades do estudante com TEA, a fim de definir as melhores estratégias durante o trabalho que será desenvolvido com ele:

No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. É nelas que se deve investir para, assim, desenvolver as inabilidades (...). Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde (BASÍLIO e MOREIRA, 2014, s/p.).

Assim, o professor deve contribuir para o desenvolvimento social do estudante autista fazendo uso de: “[...] todos os recursos disponíveis relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação, e adequação de comportamentos” (SILVA, 2012, p. 158).

Por isso, é preciso também exercitar a paciência, a tolerância, a confiança e a solidariedade juntamente com os demais estudantes, para que o estudante com TEA se sinta acolhido, tanto pelo profissional quanto pela turma que frequenta: “[...] para que ocorra a educação para uma criança autista, alguns fatores devem ser levados em consideração, por exemplo: a dificuldade de comunicação do autista e as alterações repentinas de humor dessas crianças” (PEREIRA, *et al.*, 2013, p. 65).

É preciso discutir também que a inclusão ainda é uma realidade preocupante. A presença de estudantes com diferentes níveis de aprendizagem e algumas vezes com síndromes no ensino regular comum tem provocado sentimento de impotência, frustração e angústia diante das limitações existentes. As especificidades em relação a essas síndromes, e em especial ao Transtorno do Espectro Autista, tem envolvido muitas vezes uma prática pedagógica não direcionada, que só vem a contribuir para dificuldades de intervenção, resultando em insegurança por parte dos profissionais da educação (MATOS e MENDES, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste artigo, foram analisados artigos, dissertações, monografias, trechos de livros e legislação pertinente sobre o Transtorno do Espectro Autista e o trabalho com estudantes do Ensino Fundamental, a fim de gerar reflexões a respeito do tema e contribuir para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem desses estudantes.

De acordo com a pesquisa em questão é possível concluir que a Educação Especial sofreu avanços nos últimos anos, principalmente relacionados às Políticas Públicas, e em especial em se tratando do Transtorno do Espectro Autista, muito comum hoje nas salas de Ensino Fundamental.

A matrícula em classes regulares tem se mostrado desafiadora, exigindo por parte dos professores um conhecimento aprofundado e a prática de estratégias e intervenções que sejam eficazes. Pesquisas internacionais têm avaliado e indicado práticas cientificamente comprovadas como é o caso das Práticas Baseadas em Evidências, conhecidas como PBE.

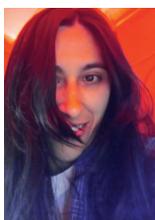
Porém, ainda existem desafios para os professores, como o caso das dificuldades apresentadas pelo estudante autista, com relação à afetividade e aos processos cognitivos e consequentemente de aprendizagem, havendo a necessidade de propor estratégias diferenciadas para trabalhar com os mesmos.

Desta forma, existe a necessidade de se exercitar a tolerância, a paciência, a solidariedade, a amizade e principalmente a confiança, para que esse estudante em especial se sinta amparado e acolhido pela turma toda.

Por isso, é preciso criar oportunidades para que o estudante autista desenvolva independência, autonomia e consiga se socializar de forma plena, garantindo assim seus direitos de aprendizagem.

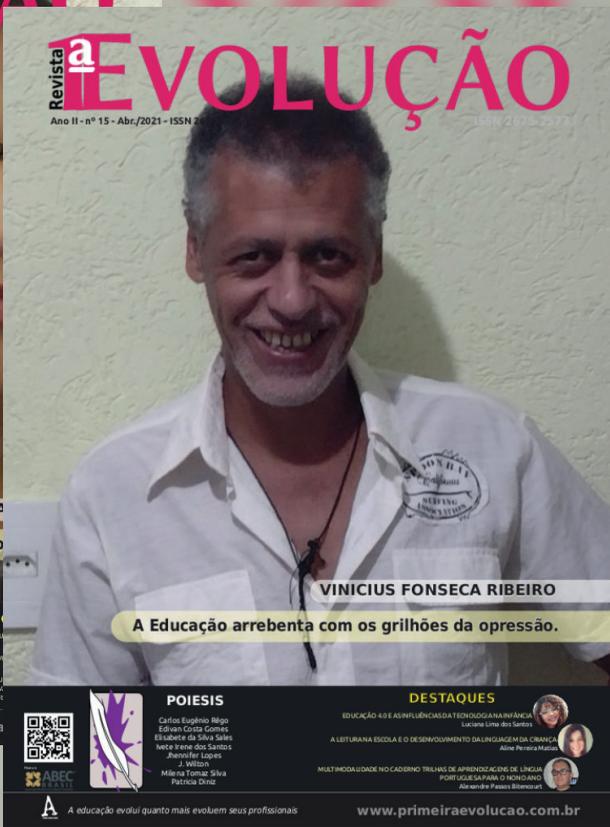
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMY, M.D. **Enfrentando o autismo: a criança autista seus pais e a relação Terapêutica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BASILIO, A.; MOREIRA, J. **Autismo e escola: os desafios e a necessidade da inclusão**. 2014. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/noticias/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- CONSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto alegre, Artmed, 2011.
- COUNCIL FOR EXCEPTIONAL CHILDREN. **What every special educator must know: ethics, standards, and guidelines for special education**. Arlington, VA: Council Exceptional Children, 2009.
- CID-10. **Organização Mundial de Saúde. Classificação de doenças em português**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- HATTGE, Morgana Domênica, KLAUS, Viviane. **A Importância da Pedagogia nos Processos Inclusivos**. Revista Educação. Especial | v. 27 | n. 49 | p. 327-340 | maio/ago. 2014 Santa Maria. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X7641>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact**. Nervous Child, 1943, n. 2, p. 217-250.
- KOHANE, I.,S.; MCMURRY, A.; WEBER, G. **The Co-Morbidity Burden of Children and Young Adults with ASD**. PlosOne 7:e33224, 2012.
- MATOS, Selma Norberto; MENDES, Enicéia Gonçalves. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementações das políticas educacionais**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 10, n. 16, p. 35-59, Jan./Jun., 2014.
- ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, p. 5-24, 2000.



Marinalda Bezerra da Silva

Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Ibirapuera. Pós-graduação Lato Sensu em nível de Especialização em Psicopedagogia, Área do conhecimento: Ciências Humanas, pelo Centro Universitário Assunção. Professora de Educação Infantil e Ensino fundamental I da Prefeitura de São Paulo.



Filiada à:



AUTORES(AS):

- Alexandre Passos Bitencourt
- Aline Pereira Matias
- Edna dos Reis Ricardo
- Fellipe William Marques Martins
- Flávia Maria Cordeiro Bezerra Consentino
- Isac dos Santos Pereira
- Izilda Marques Bastos Trindade
- José Wilton dos Santos
- Luciana Lima dos Santos
- Marinalda Bezerra da Silva
- Renata de Andrade Mendes
- Rosemary Nunes Gomes
- Vera Lucia Brasilino
- Vera Lucia Brasilino

ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.15.2021>

Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

